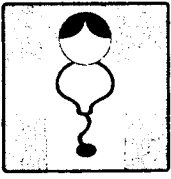


Tuberculose mata jovem por falta de tratamento

LIANE GONÇALVES

Diante do desespero da equipe médica do Hospital estadual Rocha Faria, em Campo Grande, morreu



ontem de tuberculose Jessione Rodrigues, de 17 anos. A adolescente, que chegou ao hospital na noite de sexta-feira, precisava ser internada numa Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), onde pudesse receber tratamento adequado, já que o Rocha Faria não dispõe de aparelhos para esses casos. A médica Moema Feitosa, responsável pelo tratamento de Jessione, entrou em contato com 11 hospitais públicos, mas nenhum aceitou receber a paciente.

— Isto aqui é uma tentativa desesperada de dar o direito a uma pessoa de morrer com dignidade — disse Moema.

Ex-acadêmica do próprio Rocha Faria, Moema Feitosa disse que com os tubos para facilitar a respiração a adolescente suportaria por mais tempo. O Rocha Faria, no entanto, não dispõe nem mesmo de um respirador. Os médicos tentam remediar estas situações com os aparelhos de nebulização.

— O que mata aqui, literalmente, é a nossa incapacidade de resolver os problemas dos pacientes — comentou Moema.

A chefe do plantão do Rocha Faria, Patrícia Santoro, explicou que a situação de Jessione era muito grave. A mãe da adolescente, a viúva Maria José Soares, contou que os médicos de um posto de saúde que frequenta só descobriram a doença há poucos meses. Dona Maria José é pensionista e mora com os três filhos em Nova Iguaçu, quase na divisa com o município do Rio. A adolescente já estava sem trabalhar há quatro meses, quando a doença se agravou.

A especialidade que Moema está exercendo na emergência do Rocha Maia não faz parte do quadro curricular do curso de Medicina da faculdade Souza Marques, onde se formou há três anos: é o improviso. Segundo ela, na falta de medicamentos, os médicos são obrigados a improvisarem “esquemas terapêuticos que não há em qualquer livro”.

Na enfermaria ao lado de onde Jessione estava internada, três pacientes graves também precisavam ser internados numa UTI. Um paciente com suspeita de Aids, uma vítima de acidente vascular cerebral e outro tuberculoso contavam apenas com o trabalho dos profissionais e remédios da emergência.